

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Amazônia Ocidental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Rodovia Am 010, Km 29, Caixa Postal 319, CEP 69010-970
Fone (92) 3303-7800 - Fax (92) 3303-7820, Manaus, AM
<http://www.cpaa.embrapa.br>



Sigatoka-Negra da Bananeira

Tiragem: 300 exemplares

CGPE 127458

Apoio



Realização



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



Manaus - AM
Novembro de 2006



Até 1998, o Brasil não tinha registrado ainda a ocorrência da doença mais severa que ataca a bananeira, no mundo: a sigatoka-negra, causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis* (Morelet), que leva a perdas de até 100% da produção.

Nesse mesmo ano foram encontradas plantas com os sintomas da doença nos Municípios de Tabatinga e Benjamin Constant, no Alto Solimões.

Como a doença entrou no Brasil?

Acredita-se que os produtores de banana daqueles municípios, fronteira com a Colômbia e Peru, onde a doença já ocorria, recolhiam mudas de bananeiras provenientes desses países e usavam em seus plantios.

Atualmente a doença encontra-se instalada em todos os estados da Região Norte, em Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, dentre outros.

As cultivares de banana mais consumidas pelos amazonenses - Prata, Maçã e Pacovan - não resistem ao ataque do fungo. Logo que essas plantas florescem e começam a encher o cacho, o fungo rapidamente destrói suas folhas e, como a bananeira não emite folhas após essa etapa, a planta não consegue mais fazer fotossíntese, ficando impossibilitada de encher o cacho. Com isso os frutos ficam com a casca grossa, polpa magra e pouco saborosa.

Os sintomas da sigatoka-negra iniciam-se com pequenos pontos descoloridos na parte de baixo da folha, os quais vão aumentando e formando estrias de cor marrom-clara (Figura 1). Com o tempo essas estrias expandem-se em comprimento e largura podendo ter até 3 cm de comprimento, quando já podem ser vistas na parte de cima da folha (Figura 2). A



Foto: Bernardo Ueno

Fig. 1. Sintomas iniciais da sigatoka-negra, com estrias de coloração marrom-clara.

partir daí aumentam somente na largura e ficam marrom-escuras circundadas por uma borda amarela, e várias delas vão se juntando e tomando conta de toda a folha, que fica com a cor negra, quando já está com o tecido morto (Figura 3). Esse tecido morto adquire cor branco-palha, e, na parte de cima da folha, aparecem pontuações escuras que são as estruturas de reprodução do fungo (Figura 4).



Foto: Bernardo Ueno

Fig. 2. Estrias de coloração café expandindo-se radial e longitudinalmente, causadas pela sigatoka-negra.

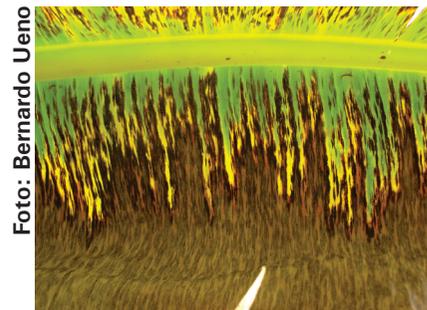


Foto: Bernardo Ueno

Fig. 3. Sintomas da sigatoka-negra, com coalescência das lesões e manchas escuras.

A Embrapa vinha se preparando para a entrada da doença no País cerca de vinte anos antes. Por meio de um Programa de Melhoramento Genético, tem testado variedades de outros países e desenvolvido cruzamentos de espécies de bananeiras resistentes à doença com outras que apresentam sabor agradável e características comerciais, para a obtenção de novas variedades resistentes e de valor comercial, para cultivo.

O controle da doença, nos locais onde ela já se encontra instalada, pode ser químico (uso de fungicidas) ou genético (uso de cultivares resistentes).

O controle químico, por apresentar custos muito altos, só deve ser usado em bananas que já adotam níveis elevados de tecnologias. Para nossa região não é indicado, por predominar pequenos produtores, geralmente familiares, com pouca capacitação para uso de defensivos. Além disso, trata-se de uma região com muitos mananciais de água, que poderiam ser contaminados pelo uso inadequado desses produtos.



Foto: Bernardo Ueno

Fig. 4. Folha com áreas necróticas e manchas escuras causadas pela sigatoka-negra.

Para as regiões onde a bananicultura é caracterizada pelo baixo nível de adoção de tecnologias, a Embrapa tem recomendado, como controle, o uso de cultivares resistentes à sigatoka-negra, por ser uma estratégia econômica e de prevenção do meio ambiente.

Até o momento a Embrapa Amazônia Ocidental já recomendou as seguintes cultivares resistentes a essa doença: Caipira, Thap maeo, FHIA 18, Prata Zulu, Pelipita (banana para cozinhar e fritar), Prata Ken, Prata Caprichosa, Prata Garantida, Japira e Vitória.

Todas essas cultivares apresentam um tipo de resistência, na qual encontra-se a doença instalada nas folhas das plantas, entretanto, a evolução da doença é lenta, fazendo com que, ao florar, a planta apresente número de folhas suficiente para que haja tempo de encher o cacho.